

UNIVERSIDADE SÃO MARCOS – 05/10/2006

**UNIVERSO DO CONHECIMENTO: O TEMPO NA CIÊNCIA E NA ARTE**

**PALESTRA DE MAURO MALDONATO**

MAURO MALDONATO – Antes de dar início à minha apresentação desta noite, deixem me dirigir um agradecimento nada formal aos meus extraordinários anfitriões desta importante universidade e a todos os amigos, que vejo aqui na platéia, e que nesses anos, nas diversas discussões, estimularam-me e animaram-me para que eu continuasse meu caminho de pesquisa.

Minha apresentação é sobre o *Tempo na Arte e na Ciência.*, É preciso dizer que desde a mais remota antiguidade a questão do tempo é uma das preocupações centrais do homem. A idéia do tempo cíclico -- o mistério da origem da vida, o ritmo das estações ou a seqüência das gerações humanas -- diz respeito a todos nós como possibilidade de um retorno factual ou simbólico. É só pensar no regaço materno, o ponto onde tudo começou. Nenhuma especulação, nenhum conhecimento alguma vez afirmou, e nem poderia, a equivalência absoluta entre o que é feito e o que é desfeito. Basta pensar numa planta que brota, que floresce e que morre, ou noutra que ressuscita, que torna nascer, que se torna mais jovem e que volta para a semente original. Ou então pensem no homem que nasce, cresce e se torna velho e que em seguida percorre, de trás para frente, o caminho de sua vida, regredindo como adulto, adolescente, criança e ainda como embrião.

Enfim, desde a mitologia grega o tempo é o espelho dos tempos. Lembrem Urano, Cronos e Zeus que representaram os ciclos dos conhecimentos de interpretação do espaço-tempo. Quem

não lembra de Cronos, o filho de Urano (o céu) de Urano e de Gea, a Terra, que para conquistar o poder castrou o pai para que ele não gerasse nenhum outro filho e, não satisfeito com isso, matou os seus próprios filhos que teve com a irmã Rhea? O mito narra que apenas Júpiter sobreviveu, porque foi levado a salvo antes do holocausto. Zeus na verdade representa a segunda geração do poder sobre o tempo e sobre o espaço no céu e na terra na idade seguinte, a da *Idade do Ferro*. Zeus lutou contra o pai Cronos que exilou em lugares remotos do céu para que suas administrações dúbias do mundo, conforme os velhos ditados da Idade do Ouro dizem, não prejudicasse mais ninguém. Vocês lembram a Idade do Ouro? Foi definitivamente superada quando Prometeu raptou da oficina de Vulcão uma fagulha e a doou para os homens, para que assim, com a arte da fusão dos metais, eles pudessem plasmar o ferro e o aço para as guerras e para as asperezas da vida agreste. Então, como sabemos, Júpiter lançou uma punição que foi célere. De fato se Prometeu foi acorrentado a uma rocha do Cáucaso e todo o dia uma águia descia, com uma pontualidade suíça, para devorar o seu fígado que toda vez se reproduzia Para renovar essa pena horrível. E, apesar das tentativas de restauração da antiga ordem e de sua defesa, a sociedade dos antigos homens venceu, deu passos de gigante e se tornou produtiva. E os critérios de domínio sobre o espaço e o tempo no céu e na terra já tinham sido mudados. Zeus representou exatamente esse novo ciclo de transformação social e econômica porque, evidentemente, a utilização do fogo passou a fazer plenamente parte do do desenvolvimento da sociedade dos homens.

Então, mesmo no mito, o tempo é a cifra mais antiga, através da qual nós conhecemos o homem, a terra, o universo. Enfim, todos nascemos no passado e todos morreremos no futuro. Apenas nos romances é que não. É só pensar em *A seta do tempo* de Martin Amis. A vida de uma pessoa pode se passar da sepultura para o berço, em lugar de se passar do berço para a sepultura. A direção do passado para o futuro, além do mais, é a mesma que vai da ordem para a desordem. Apenas num filme podemos projetar ao contrário, como uma xícara que se despedaça

no chão, se recompõe e volta a subir na mesa em vez de cair e quebrar-se. Fenômenos como esse, são familiares na experiência diária e foi recalcado, por assim dizer, pela ciência oficial que preferiu se concentrar em fenômenos reversíveis como a seta do tempo para poder apontar em ambas as direções e não numa única direção. Mas sobre isso nós vamos falar mais adiante.

Agora eu quero me deter um pouco sobre nossa experiência consciente do tempo. Todos nós, a todo o momento de nossa existência, percebemos a sensação de um movimento para frente, de um passado conhecido para um futuro desconhecido. Mas sobre o passado nós não podemos agir. O que quer que ele tenha sido nós não podemos fazer mais nada, nós o conhecemos através de nossas documentações, os rastros de memória da mente. A não ser no divã do psicanalista, nós não duvidamos de sua realidade. O futuro, ao contrário, é aberto, impregnado de possibilidades, poderia ser uma coisa ou outra. E que ele seja determinado por leis físicas -- por nossa decisão ou pela sorte, ou por Deus para os crentes -- nós não podemos ter a menor influência sobre ele. Quanto ao presente, no entanto, nós podemos entrever possibilidades vagas, transitórias. Assim, se temos consciência do tempo que passa, a parte mais imediata desse futuro se realiza o tempo todo, ingressando, desse modo, em um passado imutável.

Então, eu não penso que possa ser desmentido ao dizer que a ciência negligenciou questões como essa da experiência consciente do tempo. Antigos dilemas antigos como a percepção duradoura dos objetos no tempo, a unificação temporal dos eventos, a experiência da transformação, e por outro lado, a continuidade do tempo, esses temas ainda estão sem resposta. Se quisermos falar tudo até o fim, nós não temos nenhuma solução teórica ou empírica convincente para solucionar o enigma da experiência do tempo. Aliás, a postura da cultura moderna foi a de um recalque estratégico (estou falando recalque no sentido psicanalítico mesmo) do desconcertante problema do tempo.

No entanto, no âmbito filosófico as coisas tiveram um andamento diferente. Depois das reflexões vertiginosas e inigualáveis de Santo Agostinho, quem tentou dar uma resposta para o enigma da experiência temporal foi Husserl nas famosas *Lições sobre a consciência interna do tempo*. O grande filósofo alemão levanta severas objeções aos conceitos organizacionais e somatórios da consciência do tempo. Ele considera implausível qualquer conhecimento fundamentado em resultados, fatos ou na combinação dos fatos ou coisas que possam ser arranjadas, ordenadas no tempo. Para Husserl é necessário questionarmos a estrutura e a consciência do tempo, se tratasse de determinações lógicas necessárias à priori. Nesse sentido, entre fenomenologia e lógica empírica há uma oposição. Aliás, a lógica, a lógica fria, está na posição incômoda de ter de explicar não só a origem da experiência e do conhecimento, mas também a ordem dos fatos. Isso, decerto, é uma posição incômoda. O que Husserl objeta dos que afirmam a abordagem empírica? Ele diz que o tempo só existe na vivência, a vivência que vai se renovando a todo instante, portanto num porvir. O tempo não pode ser uma soma de atos psíquicos enumeráveis porque a temporalidade é vivida, é vivenciada, portanto é um horizonte de potencialidades infinitas.

Husserl vê todas essas dificuldades dos cientistas da época, todos entretidos em tentar medir, computar, calcular, enfim, em abordar a questão do tempo em termos exclusivamente quantitativos. Então ele tentou reverter essa situação, ou seja, ele questiona o tempo no ponto de sua nascente, no momento em que ele brota, suspendendo portanto todas as determinações naturais e empíricas do tempo. Por isso chega à conclusão de que o tempo não é uma composição, mas uma irrupção. Por isso nossa consciência não é uma unidade ligada a outras unidades, mas é uma *unidade que em si é estruturalmente fluxo*. É essa *unidade* que nos leva a dizer que aquela determinada coisa dura um determinado tempo. Toda experiência que temos, toda percepção nossa é o

*efeito*, é o eco da sensação de viver numa continuidade, e não a passagem de um momento para o outro. Essa seqüência de momentos isolados, essa seqüência que não tem descontinuidade, que dá a impressão desse fluxo, se origina, justamente, na consciência. Mas que a consciência está sujeita a uma transformação incessante, tinha sido intuído perfeitamente por William James. Como vocês lembram, ele falava de *stream of conciousness*, de fluxo de consciência. A consciência do tempo para James, o irmão do grande narrador Henry James (uma família genial) é consciência de um tempo e de um ritmo extremamente mutáveis. Isso significa que pode haver vivências que nós cronologicamente poderíamos considerar simétricas e outras vivências que são fortemente assimétricas. O fluxo de consciência, em sua maioria, tem um ritmo natural específico. Quem de nós não conhece a vivacidade, o cansaço, a vigília, o sono, ou as variáveis de clareza, específicas anomalias, formas patológicas (pensem no sonho, na hipnose, nas alucinações). Se no plano neurobiológico, portanto, é plausível dizer que a consciência tem alguma linearidade, no plano intencional é totalmente desvinculada do “tempo cronológico” porque esse tempo é o tempo da liberdade.

Enfim, a consciência de alguma coisa é aquele *não sei o quê* que nós percebemos como unitário, e que diz respeito à nossa vida de consciência por inteiro. O aparecimento de alguma coisa na consciência diz respeito tanto às experiências isoladamente quanto às globais, numa perfeita dinâmica de circularidade.

Os estudiosos das ciências cognitivas começaram a observar atentamente essa co-determinação, como é definida tecnicamente, e que tem suas implicações múltiplas. Eu defino esse problema como o problema da *temporalidade da mente encarnada*. Isso está vinculado à redescoberta das emoções. Pensem no trabalho do neurólogo português Antonio Damasio, que rompeu com a tradição que quer que a mente seja bem distinta do corpo, e que adiantou a

hipótese de que “a consciência estréia como um sentimento”. Ela tem começo como um sentimento, um tipo singular de sentimento, e que consciência e emoção têm um vínculo estreito porque a consciência está indissolivelmente ligada ao sentimento de nosso corpo. É claro que Damásio, como clínico, traz uma série de evidências clínicas que revelam o quanto certos mecanismos do cérebro são fortemente enganchados nas emoções. Mas que na base do fenômeno da consciência haja um tipo de *sincronização* entre diferentes partes do cérebro parece ser algo sem mais margem para dúvidas. Mas fica sem resposta a pergunta quanto à natureza da passagem como, por exemplo, imaginemos “do neurônio à consciência”. Francisco Varela, o grande cientista chileno, infelizmente falecido prematuramente, insistiu longamente sobre a necessidade de considerarmos a consciência como um fenômeno emergente, no qual pequenos eventos locais podem dar lugar a fenômenos globais.

Mas todo esse tempo está fora da lógica da Física clássica. Ora se nós tentarmos estender a brilhante (e provocatória) alocução de Varela, quando ele diz que “a consciência não está na cabeça”, eu penso que podemos dizer que *a mente afetiva não está na cabeça mas no corpo inteiro*. Aliás, os estados afetivo-temporais emergem de uma co-implicação entre mente e corpo. Então é claro que a ninguém escapa que o problema da consciência é extremamente complexo, mas não já não pode ser descrito de forma instrumental segundo aquela forma latina *homo est anima utens corpore*, mas segundo a fórmula antropológica que diz “o homem é o seu corpo”. Enfim, a consciência é muito mais do que o corpo. Essa transcendência não implica uma dualidade mente-corpo, como na tradição filosófica de Descartes para adiante, mas é uma experiência intensamente unitária. Em toda decisão, em todo ato de nossa experiência essa unidade nunca falha. Essa consciência encarnada é o tempo, é a temporalidade.

Antes de prosseguirmos, eu gostaria de chamar atenção para um problema extremamente importante no âmbito da discussão da temporalidade dentro da ciência: o eixo espaço-tempo e a duração. Do tempo a Física narra uma história diferente. Suas equações, verificadas por muitos experimentos, são perfeitamente simétricas ao tempo, ou seja, podem ser utilizadas numa direção em vez de outra, indistintamente. Para os físicos, passado e futuro estão num plano de perfeita igualdade. Vocês vão admitir que tudo isso para nós é bastante desconcertante: para os físicos não há *hora*, não há esta hora, não há um agora, este *agora*. Contra tudo que nós sabemos intimamente do tempo -- pensem na espera de uma *volta* que não vai acontecer; na espera de um amor que um dia ou outro vai ter de chegar; na espera da morte irremediável de uma pessoa querida; na espera de uma grave operação cirúrgica de um ente querido; na espera do nascimento de um filho; na espera da execução de uma pena capital; na espera de uma sala de espera, na espera de um naufrago à deriva, ou então na espera de quem está preso debaixo de escombros depois de um terremoto. Para tudo isso a Física diz que, no máximo, nós temos um “espaço simultâneo” do observador no espaço-tempo, que porém depende do *movimento* do observador. Bem, enfim essa idéia da temporalidade vocês vão admitir que cria um problema. Cria um problema não apenas para nós. O matemático Penrose disse que “se alguma coisa é definida, então todo espaço-tempo tem de ser definido! E não pode haver um “futuro incerto”. O espaço-tempo, por *inteiro*, tem de ser estabelecido sem nenhuma margem de incerteza, se estivermos no território da lógica da Física. De fato, essa parece ter sido a conclusão de Einstein. Além disso, não há nenhum escorrer do tempo, há apenas o espaço-tempo, portanto apenas o espaço-tempo sem lugar nenhum lugar para um futuro, cujo âmbito é inexoravelmente violado por um determinado passado.

É claro que como um grandíssimo matemático como Penrose capta totalmente as enormes assimetrias entre nosso modo de conceber o fluxo do tempo e as teorias sobre o mundo físico. Não só com relação a nossas percepções conscientes, mas respeito à essa leitura do mundo

físico. Enfim, qualquer que seja o sistema físico em que atuamos parece que deva haver, em todo caso, um ingrediente essencialmente assimétrico, que faz com que realizemos uma distinção entre passado e futuro. Mas se as equações da Física não distinguem entre passado e futuro -- então se a própria idéia do “presente” se concilia tão pouco com a relatividade -- quais são então as leis físicas que poderão combinar com nossa percepção do mundo? Nossa compreensão das coisas contém ingredientes *diferentes* que não apenas as equações da evolução temporal. Alguns desses ingredientes implicam fortes assimetrias temporais. Basta pensar na *segunda lei da termodinâmica*, que é uma objeção poderosa contra essa idéia dos físicos. Eu gostaria de chamar como testemunha, uma espécie de testemunha específica, o filósofo francês Henry Bergson no famoso livro *Dados imediatos da consciência*, que descobre uma experiência do tempo diferente, uma experiência qualitativa, dinâmica, descontínua, diferencial, que é oposta ao tempo instantâneo. Bergson chamou isso de duração, que é um conceito por meio do qual ele deixa de lado os esquemas positivistas e vai em direção ao evolucionismo vitalista. Bergson compreende até o fim que a explicação científico-positivista do tempo é insuficiente, e vai muito além das ciências matemáticas. O tempo das equações, o tempo simbólico, não corresponde ao tempo real, é apenas uma abstração, uma mera sucessão de momentos estáticos, cada um deles colocados ao lado do outro como uma série de segmentos separados, todos iguais e indiferentes aos fatos que contém. Mas isso tudo se choca contra nossa experiência, porque em nossa experiência o tempo é *duração*, é *transformação*, é *fluxo*, é *corrente* fluída e ininterrupta. Por isso essa busca da verdadeira natureza da experiência temporal, esse “estado da consciência”, compenetra-se e flui sem solução de continuidade. Não é como um fio de pérolas em que esses estados estão um ao lado do outro, ligados a tal ponto que não permitem que os isolemos. Não, a ciência atua, faz essa distinção, mas é uma distinção abstrata. E ela esquece, ou finge que esquece, por questões digamos de receituários dela, que o tempo é “qualitativo”, no qual não existem instantes de igual duração ou intensidade e que não podemos fracionar o que é um *continuum*. Portanto o que a

ciência faz? O que ela fez desde sempre, ela *especializa*. Por isso, basta pensar no relógio ou no movimento dos ponteiros no quadrante do relógio, é um tempo que não prevê nenhuma duração. Mas está claro que a duração concreta e a experiência do “nosso Eu que dura” (e o Eu não é uma matéria imóvel ao qual do exterior se acrescentam, como no famoso colar de pérolas, os estados, um atrás do outro) é um desenrolar-se de sentimentos, uma tensão vital que mantém num só momento a memória do passado e do que será passado daqui a pouco. Portanto *o Eu é seus estados e seus sentimentos e com eles ele se torna*. É como “o desenrolar e enrolar de um fio num novelo, já que nosso passado nos segue e se torna mais espesso sem parar, com o presente que vai captando em seu caminho”. Vejam que Bergson insere um conceito extraordinário porque ele nos ajuda a superar a idéia da matéria inerte. É uma espécie de processo de ascensão em diversas direções. Por isso esse impulso é uma objeção radical aos que pensam nos mecanicismos finalizados da evolução. Pensem no trabalho extraordinário de Stephen J. Gould, o maior evolucionista, na minha opinião, depois de Darwin, que tivemos a sorte de ouvir anos atrás diretamente. Ou Teilhard de Chardin. Eles dizem que a vida vegetativa e aquela instintiva, inteligente, não passam de expressões diferentes do impulso vital.

Como eu tive ocasião de dizer no livro que eu acabei de publicar -- permitam-me uma pequena, mas sadia, propaganda -- a pura racionalidade, torna a mente fixa e imóvel, incapaz de apreender a vida como tal, ao passo que a duração, a continuidade do porvir nunca podem ser abordados separadamente como acontece na ciência. Eu penso que aqui entra também o discurso de Bergson contra a metafísica tradicional. Isso nos dá a possibilidade de passarmos para outro foco de nossa conversa de hoje, ou seja, eu quero fazer isso lembrando antes um episódio extremamente importante da história da ciência, da história da cultura em geral. Em 6 de abril de 1922, em um famoso debate entre Bergson -- na Sociedade de Filosofia de Paris -- e Einstein, Bergson argumentava justamente sobre a pluralidade, sobre a duração dos tempos vivenciados em relação ao tempo dos físicos, do que nós falamos agora. Bergson foi chamado por

Einstein com o gentil epíteto de incompetente. O que Einstein disse para Bergson: “Você, Bergson, não sabe que não existe uma experiência vivida que possa agüentar uma verificação experimental?” Eu tenho que dizer que sob alguns aspectos o grande físico tinha razão, Bergson não tinha entendido a Teoria da Relatividade. Mas tampouco Einstein tinha compreendido o problema verdadeiro de Bergson. Os dois falavam sem se compreenderem, como amiúde acontece na comunidade acadêmica. Eles falavam de dois tempos diferentes: o reversível, da Mecânica, e o irreversível, da vida humana. Einstein pensava, acreditava profundamente que o tempo fosse uma ilusão. Na verdade existem muitas maneiras de demonstrar isso. Nós mesmos vivemos dentro dessa possibilidade, embora existam outras situações como no universo dos elétrons, etc. Colocando-se nas posições newtonianas e desconhecendo o conceito do tempo como fluxo, como escorrer, Einstein deu uma contribuição eminente para cavar um fosso ainda mais profundo entre ciência e filosofia. Aqui está o momento em que nosso discurso se torna mais delicado. É claro que quanto a questões do tempo, a Física e a cultura humanística sempre tiveram posições diferentes. Mas houve, ao longo do tempo, estudiosos iminentes como Whitehead ou Prigogine e outros, que no século 20 afirmaram uma filosofia da natureza que pudesse abrir mão do conflito, aliás, que estabelecesse até... vocês lembram do título daquele bellissimo livro de Prigogine, de “uma nova aliança” justamente, entre as ciências da natureza e as ciências humanas. Especialmente Prigogine nos exortou a tomarmos distância do choque estéril entre saber e não-saber, entre preconceitos cegos e o conhecimento contemplativo, entre ciência dos fundamentos e ciência do epifenômeno. Por outro lado, nós temos que nos perguntar quais são os temas que os físicos possuem para reivindicar privilégios de extraterritorialidade ou de proeminência. Nós temos que lembrar, diante de sua pretensão de explicação integral da realidade, dizendo que todos os outros não merecem dignidade ou atenção, que a ciência não pode existir sem mistério, que a ciência surgiu numa relação estreita com a religião, com a filosofia e que se ela perder essa relação se tornará inevitavelmente estéril. Além disso, os

cientistas pertencem à cultura, eles também, e para qual contribuem. Portanto é uma tremenda ilusão acreditar em um princípio único que possa tornar inteligível a realidade! Podemos compreender tanta intransigência. Se admitirmos o porvir suas arquiteturas douradas derretem como neve ao sol. O devir faz irrupção exatamente naquele ponto em que aquele sonho tinha encontrado sua expressão mais grandiosa, na simetria das relações da relatividade geral entre a matéria e o espaço-tempo. Pois bem, ouçam atentamente o que diz Prigogine captando até o fim e a importância e a fecundidade do pensamento bergsoniano. Ele escreve isso: “ao contrário de muitos filósofos diante da ciência, Bergson não tinha interesse por problemas abstratos como a validade das leis científicas às raias últimas do conhecimento, mas por aquilo que a ciência nos diz do mundo que ela pretende compreender, seu veredito, a não ser o final, o fim dessa pretensão. Ele mostra que a ciência foi fecunda sempre que conseguiu negar o tempo, dar para si própria objetos que permitem afirmar um tempo repetitivo, reduzir o devir à produção do mesmo e por parte do mesmo. Mas no momento em que abandona seus temas preferidos, quando tenta reconduzir ao mesmo tipo de conhecimento aquilo que na natureza expressa o poder inventivo do tempo, já não passa de uma caricatura de si própria” . São palavras duríssimas. Que Bergson tenha tido um papel irreversível no âmbito dessa discussão eu compartilho dessa opinião plenamente, eu compartilho porque a ciência tem de se deter diante da ética, da liberdade, do espírito. A ciência tem um campo bem definido e eu digo isto como um homem de ciência. Nós temos acesso à natureza por meio de nossa experiência mais íntima que é a duração, e não pelos objetos estabelecidos e certificados pela ciência. O tempo vivenciado, ou seja o sentimento daquele tempo que constrói nossa própria vida, não nos opõe a um mundo objetivo, mas é sinal de nossa solidariedade com o mundo. A idéia dessa evolução criadora, é mostrar que o Todo é da mesma natureza que o Eu e que a ele nós chegamos apenas através de um aprofundamento cada vez mais completo de si próprio. Por isso quando nós nos separamos da atenção à vida, quando no sono, ou numa doença, ou por uma desordem psíquica, a memória por vezes nos

ataca com uma onda evocativa tão profunda que nós já não podemos confundir o que nós revivemos com uma lembrança abstrata, mas reconhecemos nisso uma plenitude de significados, uma incidência existencial da qual, quase sempre, não havíamos nos apercebido ao vivê-la pela primeira vez.

E aqui nós vamos introduzir a grande discussão sobre a arte. A arte acolheu primeiramente a inadequação do tempo unidimensional e isso é absolutamente e perfeitamente visível, por exemplo, em Kandinsky. Pensem como ele percebeu a exigência de expressar suas emoções ultrapassando definitivamente o perspectivismo por uma pintura expressionista. Ele foi fascinado pela relação entre a composição musical e a artística. Em sua visão, em que som e o tempo correspondem a ondas bidimensionais no espaço no tempo, a composição pictórica deve se basear em propriedades não mais representativas da percepção da perspectiva.

Pensem em Picasso, especialmente em seu período cubista. Ele procurou desconstruir as regras da representação perspéctica. Na verdade Gauguin e Cézane já tinham se desvinculado das leis da construção da perspectiva, alterando o ponto de vista único, ou seja, o princípio básico da perspectiva do qual depende o status do observador. Ele modificou a lógica perspéctica, da percepção, fornecendo uma multiplicidade de pontos de vista espaciais gerados por projeções bidimensionais dos objetos e dando uma concomitante evidência a força expressiva de uma realidade interiorizada que provém de uma energia emocional muito profunda. Então ele anulou a relação muito estreita que a pintura da época tinha com a visão cartesiana do espaço-tempo. Levou para dentro do homem, in *interiore homine*, essa representação perspéctica. Ele próprio objetava sobre a arte abstrata. Não, ele dizia, ele negou decididamente que a sua fosse arte abstrata: “Minha relação com a realidade é muito forte, só que é uma relação de outro tipo”. Mas por que essa insatisfação com relação à perspectiva? Porque a imagem perspéctica pode fixar na tela apenas um instante da percepção, exatamente como uma foto que fixa indefinitivamente o

tempo só em um preciso instante de vida. É preciso a essa altura nos perguntarmos por que, subjetivamente, sentimos tanto incômodo ao olhar nossas próprias fotos. Mas sabemos que isso é uma outra história. O cubismo pictórico propõe a expressão artística de sensações e observações de diversos pontos de vista. E esta é uma época que está impregnada de duração, portanto muda completamente a capacidade de concepção do tempo. Pensem em Dali, em sua capacidade de transformar, através daquelas belíssimas imagens: as horas dos relógios liquefeitos em que o tempo vai se diluindo, ele já não responde a uma sucessão temporal linear e já não pertence a uma visão unívoca e inalterável do espaço-tempo. Portanto estamos diante de uma arte que eu definiria de arte intemporal. Isso nos leva para a última parte da discussão de hoje, a parte talvez mais delicada, mais quente.

Quem transformou a temporalidade em arte foi Marcel Proust. Ele tornou esta arte uma única e inteira realidade quando deixou de lado aquela tensão da vida, que até aquele momento havia transcorrido no signo de uma vida mundana efervescente. A sua consciência foi completamente arrebatada pela contemplação de si, um si formado por um conjunto de memórias que fizeram de seu espírito um teatro extraordinário de experimentação de fenômenos evocativos. Proust transformou a temporalidade numa arte na qual concentrara todos os recursos para uma grande viagem na memória. Se é verdade que Proust não tem deficiência na capacidade de formar e de plasmar, é verdade que nele a forma não tem a menor importância: porque através de um mecanismo que é dificilmente explicável, que afinal é o segredo de Proust, ele funde memória e forma, dando vida a uma coisa que é completamente diferente. É por isso que nós temos a impressão de que em seus intermináveis volumes (intermináveis porque sem tempo) não há acontecimentos ou personagens, mas apenas matéria psíquica, memória, que se cumpre na absoluta perfeição.

Proust fornece uma interpretação absolutamente original da *weltanschauung*, da visão de mundo romântica: a recordação é a única coisa que existe. O mundo e as coisas do mundo são mais vãs quanto mais forem tangíveis, quanto mais estiverem presentes na realidade corpórea e por mais que se chame “mundo” ou “belo mundo” ao aspecto mais frívolo e vazio daquela realidade. Já tem um valor simbólico viver até o fim esse símbolo, pode ter uma importância enorme para redimir aquela realidade corpórea, portanto preparar-se para viver uma nova vida.

Proust então perturba a dimensão temporal em prol de outra dimensão que é extra-temporal. Na capacidade extraordinária de lembrar, o homem cria, mas não é apenas uma simples re-evocação. Proust torna existente o que não existia, ele dá significado ao insignificante. Alguns dentre vocês podem dizer: mas o homem, o artista, é isso. E eu vou responder que cada homem se tornaria um artista se apenas deixasse as recordações fluírem em lugar de comprimilas em hábitos mecânicos. Está aqui toda a original e brilhante poética de Proust. Vamos lembrar que no último e extraordinário volume do *Em Busca do Tempo Perdido, O Tempo Reencontrado*, o narrador, tropeçando no chão do Palácio dos Príncipes de Guermantes, é apanhado repentinamente por uma estática e comovente epifania extra-temporal. Exatamente quando tudo lhe parecia perdido, eis que acontece um contragolpe e este contragolpe lhe indica uma mudança radical de vida. Assim, antes de ter decidido conscientemente, agora ele está pronto para empreender aquela obra de arte para a qual ele já tinha certeza não possuir o menor dom. Então o narrador é invadido por aquela mesma felicidade que ele sentiu outras vezes na vida, como quando apoiando o pé em duas lajotas desiguais, no batistério de San Marco de Veneza, chegasse a imagem da luz da praça e de Veneza por inteiro.

Então eu pergunto a mim mesmo: por que essas imagens podem dar tanta felicidade ao narrador, como uma certeza tão forte a ponto de torná-lo repentinamente indiferente à idéia da morte? Que enigma sutil se esconde atrás de tudo isso? Penso ser a felicidade de quem se aproxima da

essência das coisas, para além do tempo: felicidade que transforma na hora quem a vive em um ser extratemporal: um instante liberado da ordem do tempo, da necessidade do tempo. O Narrador sente que o prazer, a felicidade que provém de fragmentos da existência subtraídos ao tempo, são o único prazer, a única alegria fecunda e viva que o homem pode recordar. Vem à minha mente William Blake quando escrevia: “Ver o mundo em um grão de areia, e um universo em uma flor do campo, possuir o Infinito na palma mão e a eternidade numa hora...” No entanto, essa contemplação, embora da eternidade, é fugidia. Como podemos pará-la? Aqui uma série de reflexões sobre a obra de arte como “meio” nos coloca no caminho certo, ela é o único meio que permite que empreendamos e interpretemos sensações. A criação artística é aquela capacidade singular de decifração do livro interior de signos desconhecidos, o único verdadeiro livro para cada um de nós. Concluindo, a obra de arte preexiste a nós, nós é que temos de descobri-la, descobrindo com ela nossa vida real. Um grande escritor não tem que “inventar” esse livro, mas apenas “traduzi-lo”, porque esse livro já existe nele. Se para o narrador a descoberta inicial da ação destruidora do tempo é inicialmente motivo para angústia, agora essas realidades extratemporais se tornam um lugar de verdade absoluta, no qual todo artista -- mas seria melhor dizer cada um de nós -- procura deter as raras e preciosas impressões que se situam fora do tempo.

É natural que em meu pensamento apareça Vladimir Jankélévitch e sua filosofia da diferença do tempo, que por meio da verdade das aparências, através da *coragem da superfície*, mas atenção, uma superfície que fala em lugar da profundidade. Como vocês sabem, na tradição platônica o que é importante está na profundidade, a superfície é superficial. Não. Neste ponto nós vamos devolver à superfície sua dignidade, fazendo com que ela fale, ela fale por profundidade. Então ele observa o tempo e o eterno, o dia e a noite, como filósofo percebe na música a voz do inefável, do inapreensível. Ele anota: “o espaço e o tempo são assimétricos entre si, assim como o são, dentro do tempo, o passado e o futuro. Essa característica absolutamente defasada da temporalidade musical torna então toda a filosofia arquitetônica, edificada sobre ela, um castelo de

nuvens, um castelo de ilusões. A metafísica da música, como a magia, perde de vista a função das metáforas e a relatividade simbólica, dos símbolos”. -- Ouçam atentamente: “a sonata é como um compêndio da aventura humana, recortada entre nascimento e morte, mas não é essa mesma aventura. O *Allegro Majestoso*, o *adágio* com que Shopenhauer procura escrever a psicologia metafísica, *são como* uma estilização dos dois “tempos” do tempo vivido, mas não são *aquela mesmo* tempo. A sonata, a sinfonia, o quarteto de arcos, por sua vez, *são como* um resumo em trinta minutos do destino metafísico e mnemônico do querer, mas eles também não são esse *destino*”.

Os objetos da doce melancolia musical são um evento fugidio e irreversível, a qualidade esvaescente, a ausência, a circunstância há tempo transcorrida e que nunca mais vai ser.

Então temos que nos perguntar: não seria a música então uma espécie de temporalidade enfeitada? Não seria a música uma nostalgia idealizada, serenada, purificada de toda inquietude? Mesmo sendo inteiramente temporal, ela é, concomitantemente, um protesto contra o irreversível. E, graças à recordação, uma vitória sobre o irreversível. A música expressa “o esforço do poeta para segurar o vôo das horas e a fuga dos dias”. É uma estilização do tempo. Mas esse tempo é uma suspensão provisória do tempo amorfo e decomposto, prosaico e tumultuoso do dia-a-dia. O tempo estilizado é uma interrupção não apenas temporal, mas também temporária da duração. A música invade tudo, a vida, a perturba; quando a serena se torna um sentimento, um divertimento momentâneo, superficial. Mas a música não tem que aquietar. A grande música gera catarse: da opressão à liberdade, do estado de guerra à paz, da preocupação à inocência. Ela não torna o homem por alguns instantes amigo de si próprio, mas está ali para reconciliá-lo com a natureza. “Como o deus dos cânticos da natureza, a música não responde de forma direta às nossas perguntas, são os oráculos pagãos que dão respostas quando vamos consultá-los. Deus fica silencioso, ele prefere responder através dos arpejos dos rouxinóis, dos gritos agudos das

andorinhas ou do murmurar profético das folhas. A noite sussurra um segredo aos que ouvem o silêncio noturno para perceber a música inaudível das esferas, as harmonias invisíveis... É claro, se trata de vozes inúmeras distantes, respostas confusas, mas desse modo ambíguo é que a música responde. A música, assim como os rouxinóis de Deus, responde com os fatos, responde *fazendo*. É nossa tarefa saber compreender essa mensagem cativante”. Justamente como em Proust, em Jankélévitch, o tempo e o espaço da música, da literatura, da pintura se tornam o rompimento do tempo real, e propiciam a irrupção do tempo da alma, que, afinal, é a epifania daquele sentimento do tempo que desde sempre acolhe em si as centelhas do infinito. Obrigado. (aplausos)

## DEBATE

P. - Daremos início ao debate. Pedimos a todos que ainda tenham perguntas que as entreguem às recepcionistas. Primeira pergunta: se a consciência é infinita e múltipla, porque o homem busca tão obstinadamente a quantificação?

MALDONATO – É uma pergunta interessante porque apreende um aspecto não falado, pois não é possível dizer tudo numa apresentação como esta. Porque os homens precisam da estabilidade, não amam a instabilidade. O homem busca o máximo da liberdade e o máximo da segurança, e evidentemente não é uma relação possível. Portanto, eles precisam calcular, ter certezas. Eu procurei dizer justamente nesse livro e em outros lugares também que a verdadeira revolução é reverter o esquema: em lugar de buscar as certezas, deveríamos buscar as incertezas. Por que simplesmente não reconhecer a naturalidade da transitoriedade do ser humano? Então como fazemos para que a incerteza se torne uma força? É questão de reverter, de realizar uma virada, uma revolução cognitiva. É colocar a incerteza e o risco no lugar da certeza ou da suposta certeza, porque não há nada de certo. Das poucas coisas que eu acho que compreendi sobre as certezas, uma é que certezas há realmente poucas. Essa idéia de reduzir

nossas pretensões é um ponto de força, não é um ponto de fraqueza. Portanto, o tempo, a objetividade, a perfeição, foi o que fez com que o mito grego decaísse. O que havia mais perfeito do que Fídias, que pintava suas estátuas, não falando aos comuns mortais, mas falando ao universo, ao tempo, à eternidade? Mas justamente quando eles alcançaram a perfeição, entraram em declínio. Parte do ciclo das estações do mundo. Os homens sempre procuraram e sempre procuram a certeza, mas, infelizmente, essas certezas sempre levam os golpes por parte daquilo que é incerto.

P. – A arte apresenta uma maneira complexa da percepção do tempo não linear?

MALDONATO – Sim, absolutamente sim. A arte é a contestação, a verdadeira arte (atenção). Não a arte segundo a visão da perspectiva -- aquela dos que acreditam observar desde um ponto exato -- que é perfeitamente simétrica, a daquela ciência das togas, acadêmica, que pretende desenhar completamente e de forma perfeita e limpinha tudo o que significa a expressão. Eu sou muito mais favorável a uma idéia da arte que expressa a completude formal, mas ao mesmo tempo o extraordinário poder da energia vital. Obviamente, eu não sou um artista, mas os grandes artistas conseguem fazer isso, reunir esse poder geométrico e uma profundidade de campo que ninguém pode captar, a não ser o artista.

P. – Ulisses, de Joyce, não subverte também a noção de tempo?

MALDONATO – Sim, absolutamente. Eu peço desculpas a vocês, é um dos anfitriões que ficou à margem, mas está presente em minha mente. Ulisses, de Joyce, é uma grande viagem na temporalidade, mas não dá para falar de tudo e cada um fala de suas preferências. Eu amo profundamente Proust e tinha tempo para falar de Proust.

P. – A teoria do Big Bang não instaura, ela própria, uma temporalidade na formação do universo? Temporalidade em sentido linear.

MALDONATO – Aqui passamos para um âmbito em que minhas competências não são perfeitas, a academia ensinou-me a falar das coisas que mais ou menos conheço. Acredito, porém, que o autor da teoria dos buracos negros e do Big Bang tenha esse tipo de perspectiva. Ou seja, ele se move dentro de uma lógica linear e o nascimento do universo segue um tempo cósmico, cosmológico, que não tem muito a ver com o tempo que nós discutimos esta noite.

P. – Fale um pouco sobre o inconsciente coletivo na obra de arte.

MALDONATO – A arte sempre fala do inconsciente coletivo. Jung nos ensinou isso, Jung me ensinou isso. Nunca uma extraterritorialidade temporal, os arquétipos, os símbolos, o que ultrapassa essa dimensão. Os artistas são artistas porque não explicam os símbolos, eles deixam os símbolos falarem. Então têm essa capacidade de transmitir e de transfigurar por meio da arte, da música ou da pintura. Pensem na Flauta Mágica, de Mozart, pensem nessa extraordinária página em que a inocência fala no momento exato, logo depois da ferocidade, quando as feras estavam para celebrar sua refeição, mas ao som da flauta elas se detêm. A flauta é a inocência pura, absoluta, a ascensão para alguma coisa inigualável. A arte expressa o próprio tempo através do mito, através do que o autor da pergunta chama de inconsciente coletivo, mas todo verdadeiro artista sempre o tem impregnado dentro de si. (Espero não ser um sofrimento atroz para a tradutora, estou indo muito rapidamente). Mas todo o tempo é o tempo de seus filhos artistas. O coração pulsa, o coração dos amantes que esperam, o coração daquele que está quase se extinguindo ao fim da própria vida, o coração de uma criança que brinca correndo atrás de seu papagaio. Sim, pulsa.

P. – Como falar e viver a poesia da paz se o mundo está em guerra? Como transmitir essa arte da paz?

MALDONATO – É uma pergunta que vai além de minha modestíssima capacidade de resposta. Mas posso dar a minha opinião. Como várias vezes o Danilo (Santos de Miranda) nos lembrou em suas reflexões, à margem dos encontros, acho que a arte tem essa capacidade de aproximar, de fazer dialogar, de transformar a natureza agressiva e instintiva do homem, de não negá-la, mas convertê-la. Não se trata de negar, mas de transformá-la, de mudar a sua cifra, de transformar seus aspectos. Isso é muito mais poderoso do que muitos Camp Davids. Eu acho que a arte é a verdadeira chave do mundo e eu acho que um grande cientista sempre é um grande artista. Não podemos acreditar na idéia do cientista encerrado dentro de seu laboratório que consegue ver geometricamente a realidade. Sempre há um momento em que nós temos aquele “ah” que desperta. Aquilo é uma prefiguração, uma antecipação, é um presságio. Aquilo é arte, o que eu acho que seja arte, ou pelo menos os fenômenos cognitivos ou emocionais que estão naquele fenômeno são os mesmos daqueles da imaginação artística.

P. – Temos que entender Deus no tempo. Ele faz parte desse tempo-espaço que nos permeia ou é outra coisa que encontramos ao ouvir uma música, o canto de um pássaro, o murmúrio da natureza?

MALDONATO – A relação espaço-tempo é uma relação que nós não podemos negar. Esse é um espaço, esse é um tempo, o tempo do nosso encontro. Eu não vou negar isso. Eu digo que não basta dizer isso. O canto dos rouxinóis, o canto das andorinhas, a natureza não pode ser concebida com essa geometria. Pascal sabia disso perfeitamente, ele pensava que houvesse um espírito de geometria, um *esprit de finesse*, do coração, é a harmonia do universo. Aquela era uma imagem extremamente sofisticada, mas extremamente míope. Por vezes os cientistas, alguns cientistas, pensam que a ciência seja um *latinorum* ao qual podem ter acesso apenas os iniciados. E digo isso como alguém que teve um percurso rigorosamente científico, mas há um tempo para tudo na vida.

P. - Se o homem aprende com a experiência e a experiência não apresentando previsibilidade, a fuga para a certeza aprende-se de qual experiência?

MALDONATO – Vou apelar para as minhas noções de latim. Vamos fazer um exercício de perplexidade quanto ao latim. A experiência tem a raiz de *ex-pèrior*, que significa atravessar. É experiência porque nós a atravessamos. Por isso não pode haver uma experiência dada *ex ante*, ou seja, antes. A experiência vive apenas se você a tiver, se você atravessar, *ex-pèrior*, atravessamento. É por isso que é impossível pensar numa espécie de análise que possa descrever antes o que vai acontecer no encontro humano. Um dos meus mestres, Callieri, um jovem-velho que tem 85 anos, sempre me diz: no seu trabalho, você nunca pode pensar que compreendeu as coisas, você sempre tem que se considerar um eterno iniciante, você tem que sentir as mesmas emoções da primeira vez. Isso é experiência. Experiência é estarmos abertos com nossa bagagem de conhecimento, mas também com modéstia, humildade e uma capacidade de audição. Quem julga a experiência da vida ou a experiência profissional, se a considerar *ex-pèrior*, somente naquele momento estará pronto para ouvir as coisas, ouvir o seu papel no mundo, o seu coração e assim por diante.

P. – O tempo fora do tempo não seria outro estado de realidade? O pragmatismo contemporâneo não força a noção de que a realidade não se dá a priori?

MALDONATO – Concordo plenamente. O tempo fora do tempo é uma convenção lingüística, é uma locução que adotamos para dizer que há instâncias que, como eu tentei demonstrar, não podem ser encerradas num cálculo. No meu percurso clínico, eu vi muitas situações do tempo no tempo. Pensem em ficar um pouco ao lado dos deprimidos, o tempo é imóvel, absolutamente estático, enregelado. O tempo dos maníacos, não dos filmes, mas o estado de humor maníaco, é uma aceleração em que nada pára, como um estado de felicidade artificial induzido em nós e que não nos faz considerar absolutamente nada. O tempo da ansiedade. São

todos estados que nós sentimos e que representam uma experiência na experiência, que contrasta radicalmente com o que eu dizia sobre o tempo da física, o tempo igual, o tempo simétrico, calculável como um colar de pérolas.

P. – A metáfora pode ser vista como um conceito científico? Podemos falar em metáforas científicas?

MALDONATO – Um amigo meu, neurologista, escreveu um livro sobre isso, sobre a metáfora como conceito científico. É um bom programa de pesquisa. Pensem na metáfora e procurem dar uma explicação científica. Mataram a metáfora. Eu não acredito nisso, acho que a metáfora tem um papel próprio e que pertence às estruturas profundas do mundo, do mundo individual e coletivo, para representar algum significado numa região da mente do homem. Vejam, há uma espécie de deriva, procuramos forçosamente encontrar áreas em nosso cérebro responsáveis por tudo, é uma espécie de obsessão, de epidemia. Aí eles colocam as crianças, os adultos, procurando que área é a da empatia, qual é a área do cérebro que corresponde à sensibilidade, qual é a área que corresponde ao altruísmo, qual é a do egoísmo e assim por diante. Para além da importância científica, parece-me que há realmente uma sensação de desespero da ciência, que busca dar nome a tudo. Mas o que nós temos que admitir como cientistas é que as palavras nos faltam e que há palavras que nós talvez não tenhamos que descobrir nunca, é melhor deixar as coisas em seu mistério. Nabokov dizia uma coisa muito bonita, de que não podemos tirar a casca, a cortina da realidade.

P. – Como você faria a sua reflexão a partir da concepção de tempo da física quântica? Não seria mais simples, mais abrangente e plena a consciência não fragmentada entre passado e futuro?

MALDONATO – É uma pergunta ligeiramente distorcida porque a consciência tem um fluxo e depois também é fragmentada, mas quando está fragmentada aponta para algum problema da mente. Há estágios da consciência, eu não percebo que passo do momento A para o momento B, eu estou vivendo com vocês, estou falando, estou ouvindo, olho os olhos de vocês e tenho percepção disso. Depois há outros momentos. Por exemplo, quando dirijo meu carro, mesmo andando dois quilômetros, eu não lembro de nada do que eu vi, é uma experiência que nós temos. No entanto, eu faço todas as manobras, não cometo infrações. Isso significa que minha consciência declinou? Não. Significa que os registros de nossa vida em nossa experiência é consciência, existe uma mente plural, ou seja, níveis múltiplos de nossa mente que contribuem para a determinação do pensamento e do comportamento. Nesse sentido, pensar numa mente linear, numa mente que só tem uma direção através dos atos de consciência, é uma ingenuidade perfeita.

P. – O tempo não é também uma criação cultural do homem? A idéia do tempo não contém um teor subjetivo?

MALDONATO – Estou totalmente de acordo com isso. É isso.